

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO DA MULHER E SUA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Hérgiton Teodomiro Linhares Maia;

Associação Brasileira de Estudos Psicanalíticos, hergitonm@yahoo.com.br

Resumo do artigo: A educação provoca nos educandos a ressignificação dos saberes da idade adulta, estas multiplicidades de sentidos provocados pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) é proporcionada pela importância desta como ferramenta de inclusão e muitas vezes, esse segmento é descartado e ou não valorado por fazer parte do sentimento pessoal dos indivíduos. Este artigo objetivou em compreender a importância das várias formas de inclusão que a Educação de Jovens e Adultos e suas ações: transformadora, justificadora e reparadora age na vida das mulheres e também focar a importância da representação social para estas, como forma de suprir traumas inconscientes gerados durante o período longe do ambiente escolar, demonstrados nos relatos escritos. Este trabalho foi realizado com treze Mulheres da cidade de Campina Grande na Paraíba (alunas da Educação de Jovens e Adultos). Foi solicitado a estas senhoras que escrevessem relatos pessoais e educacionais gravados em suas lembranças. Os resultados obtidos pontuaram fatores para uma aluna poder abandonar os estudos em seu ciclo: mudanças na área escolar, envelhecimento da população, mudanças nas estruturas familiares, deslocamento dentro de uma região, aumento da pobreza, sexo, gravidez, entre outros, evidenciaram a necessidade de recuperar a estima dessas senhoras, emancipá-las educacionalmente e principalmente a importância da Educação de Jovens e Adultos como ferramenta de inclusão nos seus mais variados espaços.

Palavras-chave: Mulher, Educação de Jovens e Adultos, inclusão, representação, relatos escritos.

INTRODUÇÃO

Ao observar a história sobre o gênero feminino e suas representações sociais, percebe-se que estas foram negligenciadas durante o processo histórico da humanidade, variadas e diversificadas concepções foram construídas decorrentes de uma multiplicidade de fatores, um deles efetivamente é a escassez de fontes documentais relativas à figura feminina e ao seu universo social. As palavras expressam as dialéticas experienciadas de mulheres, onde suas realidades forjam uma linguagem do não dito, do silenciado, mas vivido.

Ao descobrir a história do silenciado, do excluído, nas entrelinhas dos escritos destas, encontram-se nos labirintos de palavras centelhas de verdades. Trabalhar com escritos e oralidade do universo das mulheres leva, necessariamente, a tecer considerações acerca das representações sociais e das relações de gênero e entender quão forte foi a Educação de Jovens e Adultos para possibilitar a inclusão destas em várias esferas da sociedade, desde a familiar, no trabalho, no conhecimento e principalmente no espaço íntimo com elas mesmas.

Ao elencar todo esse retrospecto em torno do gênero “mulher”, evidenciando a inevitabilidade de entender o processo excludente que estas vivenciaram durante grande parte de suas vidas, demonstrada através dos escritos e relatos a importância de se autorrepresentarem.



Nessa perspectiva, o objetivo geral deste artigo foi realizar um estudo investigatório da trajetória de vida das mulheres alunas da Educação de Jovens e Adultos, entre 30 e 45 anos do município de Campina Grande – PB, para entender como essas se representam socialmente através de escritos e relatos de memórias, compreendendo a importância das representações sociais e sua ação transformadora e reparadora na vida das mulheres como forma de inclusão nos mais variados segmentos sociais.

Dessa forma, buscou-se norteio para explicar os caminhos deste artigo com abordagem qualitativa, baseando-se em escritos e relatos de memória das referidas educandas, enfatizando a importância da Educação de Jovens e Adultos como instrumento de inclusão educacional e social.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO

Gadotti (2003) enfatiza que a educação como conhecimento é o grande capital da humanidade. Ela é básica para a sobrevivência de todos. Por isso a educação escolar não deve ser vendida ou comprada, mas disponibilizada a todos. Para Vygotsky (2010), o conhecimento é tudo o que o ser humano faz individualmente ou internaliza e sofre a influência de uma série de fatores externos, incluindo interações interpessoais e grupais.

De acordo com Maia (2006), a educação é um processo intrínseco da humanidade, uma extensão de sua condição de ser psicossocial, empreendedor de sonhos, transformador de sua realidade. Inclusão é a capacidade de entender e reconhecer o outro, e assim ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os com comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias segregadas socialmente, negros, mulheres, pobres, e para a criança discriminada por qualquer outro motivo.

A inclusão possibilita aos que são discriminados, pela classe social, pelo sexo ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade. A inclusão escolar acolhe todas as pessoas, sem exceção no sistema de ensino, independentemente de cor, sexo, classe social e condições físicas e psicológicas e dentro desses preceitos, a modalidade Educativa para Jovens e Adultos (EJA) desenvolve grande relevância quanto ao agrupamento inclusivo.

Cognominar Educação para Jovens e Adultos (EJA), antes de tudo, é determinar o que seria essa modalidade e a quem abrange. A Educação de Jovens e Adultos é um sistema de ensino utilizado na rede pública brasileira para o enquadramento destes na educação. Tem o propósito de

desenvolver o ensino Fundamental e Médio com qualidade para aqueles que não estão mais em idade escolar (ARAÚJO, 2011).

Oliveira (2001) explicita jovens e adultos como um grupo homogêneo de pessoas provenientes de áreas empobrecidas, filhos de trabalhadores não qualificados, com baixo nível de instrução escolar. A EJA é uma proposta de educação inclusiva, ela é, antes de tudo, a escola dos excluídos de algum outro âmbito escolar (ARAÚJO, 2011). De acordo com Lima (2010), o ensino da EJA busca promover a inclusão educacional e social de uma demanda de jovens e adultos que não conseguiram concluir os estudos em tempo normal.

Segundo Souza (2000), a Educação de Jovens e Adultos é fundamentada em três pilares: reparadora, equalizadora e permanente. A função reparadora da EJA tem como alvo, aqueles jovens e adultos que não tiveram na idade adequada oportunidade de frequentar uma sala de aula, ou abandonaram-na em seu itinerário educacional, deixando assim uma grande lacuna na vida dessas pessoas ordinárias que não tiveram igualdade de oportunidade perante a lei.

A função equalizadora da EJA visa entrada de todos aqueles excluídos no sistema educacional, que de alguma forma ficaram de fora desse sistema, procurando uma nova oportunidade como forma de garantir uma redistribuição desses alunos. A função permanente, ou qualificadora, como também é chamada, busca propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida. Esta função é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a igualdade, a diversidade e a solidariedade.

Também objetiva uma educação significativa e inclusiva para estes sujeitos que, em razão da escolaridade interrompida e ou defasagem cronológica em relação aos estudos, não conseguem entrar no mercado de trabalho (LIMA, 2010). A EJA promove o preceito de justiça, é uma causa nobre de educação merecedora de maior reconhecimento, pois acolhe pessoas que retornam à vida escolar depois de transcorridos vários obstáculos (ARAÚJO, 2011). Nessa ideologia, é fundamental para as alunas dessa modalidade sentirem-se bem ao regresso escolar. Devendo essas encontrar um ambiente acolhedor, respeitoso e familiar, remetendo à segurança e estimulando a criatividade, favorecendo a permanência das alunas nesse ambiente escolar.

Ao absorver esse recinto de múltiplos aprendizados em algo familiar e de inclusão, remetendo a um espaço de continuidade de seu ciclo transitório do cotidiano, e assim transformando tudo que remete ao universo escolar como algo potencializador de sua representação social como: aluna, mulher, mãe e tantos outros sinônimos.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER

A concepção do termo “*representação social*” refere a uma imitação mental. É através do ato de representar que somos capazes de evocar uma pessoa, uma ideia, um objeto ou uma situação na sua ausência. O termo *representação* tem vários significados, por tratar-se de uma palavra de origem latina, oriunda do vocábulo “representare”, significando tornar presente ou apresentar de novo.

O conceito de representação foi desenvolvido por Serge Moscovici, um psicanalista que legitimou a Teoria da Representação Social em meados da década de 1960. As representações sociais são indispensáveis nas relações sociais integrantes de um processo de interação social, permitindo aos membros de um grupo comunicar-se e se compreender. Moscovici (2003) identificou dois processos formadores das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação é um processo através do qual as representações complexas e abstratas tornam-se simples e concretas e a ancoragem corresponde a um modo de encontrar um lugar para encaixar o não familiar, o incomum, o diferente, o fora do contexto e lhe atribuir um sentido.

Segundo Moscovici (2003), entre várias funções das representações sociais, destacam-se quatro: função de saber, onde as representações sociais oferecem uma explicação e um sentido à realidade; a função de orientação, servindo como guia dos comportamentos; a função identitária, permitindo ao indivíduo construir uma identidade social, posicionando-se em relação aos outros grupos sociais, ou seja, as representações sociais permitem distinguir o grupo que as origina dos outros grupos; já a função de justificação permite aos indivíduos explicarem e justificarem as suas opiniões e os seus comportamentos.

Relatos de memória como representatividade: *mulheres que escrevem sobre si*

A pessoa que escreve movimenta-se cognitivamente, refletindo seu percurso no ato da escrita, seja ele em qualquer esfera: formal, não formal e informal. De acordo com Thompson (1998), utilizar os relatos como fonte de pesquisa é lançar a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação, traz a história para dentro da comunidade e os relatos de memória extrai a história de dentro da comunidade.

O falar sobre si é, para as mulheres, o espaço de inclusão e fortalecimento da identidade de construir uma história pessoal, estabelecendo laços de amizade, inclusive com outras mulheres que



se identificam com a sua história de vida, práticas pouco estimuladas pela cultura machista, presente nas diversas instituições nas quais a mulher encontra-se inserida. Para as mulheres, escrever é apropriar-se da arte para oferecer visibilidade à sua própria história e, com isso, também, ter a possibilidade de fazer migrar fatos escondidos no privado para o mundo público.

Parece natural pensar na escrita sobre a vida particular como uma atividade feminina, pois ainda hoje continuam tantas vezes encarceradas em espaços particulares. Talvez, sejam as mulheres oprimidas que mais escrevem esse tipo de texto, desde os primeiros bilhetes, passando pelos diários na adolescência, cadernos onde confidenciaram a elas mesmas os primeiros segredos, as incompreensões sobre a vida, os desejos afetivos, as incertezas que a vida e a sociedade se incumbiram de sessar.

Os escritos narrados por mulheres, cujas vozes, apesar de silenciadas por várias décadas, hoje se fazem ouvir. Esses escritos propõem levantar e trazer à discussão o que dizem sobre a condição da mulher, mulheres que escrevem sobre si. As memórias legitimam gestos, afetos, expressões cotidianas de como elas enxergam a si e aos outros. O escrever sobre si é uma forma de incluir-se no espaço antes negado, é fazer ser ouvidos seus dilemas e retratar sua vida muitas vezes excluídas pelos integrantes da sociedade. A inclusão pela representatividade é, antes de tudo, uma libertação, é uma autoafirmação, é uma identificação com o espaço que lhe representa.

Preceitos inclusão através das representações sociais e suas condições socioeducativas no “locus” da pesquisa

A pesquisa foi fundamentada em uma análise qualitativa, explicitada numa estratégia de investigação social e comportamental das referidas mulheres alunas da EJA. O procedimento deste trabalho foi dividido em algumas etapas. Iniciando-se com a escolha das mulheres pesquisadas por faixa etária. Treze mulheres adequaram-se às exigências estabelecidas como: idade, residir na comunidade do Catolé de Zé Ferreira, estar matriculada na escola da comunidade na modalidade “EJA”, entender e concordar com as condições de exposição que a pesquisa poderia causar.

Depois foi proposto a essas mulheres para elaborar um memorial, onde deveriam narrar suas histórias, desde as primeiras lembranças, suas alegrias, dificuldades, frustrações, tudo que remetesse ao mundo pessoal e escolar percorrido na infância e juventude. Dos memoriais escritos pelas alunas pesquisadas foram dados pseudônimos a partir de nomes bíblicos de mulheres como: *Sara, Rute, Miriam, Ester, Rebeca, Betânia, Eva, Isabel, Marta, Madalena, Ana, Salomé e Dalila*, para



resguardar a privacidade e intimidade dessas mulheres, prezando pela ética e a confiabilidade da pesquisa.

E para finalizar, consistiu em examinar e analisar os escritos dos memoriais com base nos estudiosos e especialistas da área de Inclusão, Educação e Representações Sociais. Os escritos dos memoriais foram transcritos de forma fiel e idêntica aos relatos das referidas educandas, sem modificar sua forma ortográfica e gramatical, mantendo sua total originalidade, pureza e imparcialidade em seu processo de sentimentalidade, libertação e inclusão como forma de representação.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O que será vivenciado nestes escritos sobre essas mulheres corresponderá a muitas falas silenciadas durante o transcorrer de suas vidas, revelando uma visão íntima da história destas, dentro de suas próprias histórias de vida. Este artigo revela nas citações a experiência de vida escrita e narrada por mulheres que falam e escrevem sobre elas mesmas, são vozes caladas, abafadas e silenciadas por muito tempo, encontrando-se nesses escritos o poder da libertação com a experiência na Educação de Jovens e Adultos como forma de inclusão destas e do fim da opressão. Mas, afinal, quem são essas mulheres alunas da Educação de Jovens e Adultos? Essa pertinente pergunta é respondida por elas mesmas em seus escritos nos memoriais:

A história citada faz parte da vida de uma mãe, e mulher chamada XXXX, que tem por objetivo concluir algumas, que não puderam, que no seu passado, infância e adolescência lhe faltou conquistar, hoje anseia estes sonhos. (sic) (DALILA).

Minha história começa assim eu nunca tive uma infância feliz quando eu estava com 2 anos meu pai foi embora e deixou minha mãe e as minhas duas irmãs. (sic) (MARTA).

O não entender o que realmente é indica uma não aceitação do que se representa e/ou como está sendo representada pelos outros. Conforme Abric (1998), o ato de representar vai determinar seus comportamentos e suas práticas. O fundamental no êxito da influência social é o estilo de comportamento adotado pelo agente ou aquele que busca liderar (MOSCOVICI, 2003). Os comportamentos dessas mulheres em suas interações sociais oferecem informações sobre as intenções e disposições psicológicas de quem age.

Nesse sentido, pode-se dizer que o comportamento destas, constitui, dentre outras funções, uma forma de organização de conteúdos latentes, onde a atitude pode ser pensada como uma



disposição interna, mais ou menos, favorável e estável, que organiza e atualiza a realidade psicológica em relação a um determinado objeto social, ao qual elas representam. Quando referenciadas sobre suas origens, elas descreveram que, em sua maioria, os pais eram analfabetos oriundos de uma condição socioeconômica precária e tiveram uma vida muito excludente, como relatam:

Meu pai era analfabeto nunca aprendeu a ler e escrever, minha mãe estudou até a 2ª série. (sic) (ESTER).

Eu tive uma infância muito sofrida, porque eu nasci de pais separados, minha mãe é muda e surda e meu pai só queria saber de encher, a cara de cachaça... (sic) (SALOMÉ).

Primeiro minha vida nunca foi fácil, pois desde de criança que eu trabalho, porque tinha agudar meus pais... (sic) (REBECA).

Este resultado está de acordo com o trabalho de Dotti (1992), onde de cada cem crianças que ingressam na 1ª série, doze chegam à 8ª série. Acentuando-se nas ditas camadas populares, aproximadamente 80% das crianças reprovadas são delas provenientes, evidenciando não o fracasso de uma população em geral, mas de uma população específica e muitas vezes marginalizada.

Elencando a formação familiar dessas alunas-mulheres, encontram-se famílias numerosas em condições de extrema pobreza, sobrevivendo no limiar da fome, sua renda familiar é oriunda de trabalhos informais, na maioria das vezes necessitam da colaboração de toda família, incluindo as crianças, na lida dos roçados e plantações. Impossibilitando o acesso à escola para não comprometer a renda.

Sara escreve sobre esse contexto: “Sou a penúltima de onze irmãos, éramos muito pobres, quando fui a escola já tinha oito anos... (sic)”. Ester completa: “Éramos em 8 irmãos todos analfabetos passamos muita fome[...]”. “Em busca de dinheiro meu pai fazia bicos em outros roçados, e eu como seu braço direito o acompanhava... (sic)”. Quando se refere ao motivo pelo qual essas meninas-mulheres enveredam por outros caminhos e tiveram que interromper sua caminhada educacional, são citados inúmeros fatores, dos mais prováveis aos mais injustos, como as condições econômico-sociais enfrentadas pela família, mudança de local de moradia, gravidez, casamento, trabalho, dificuldades de acompanhar a rotina de estudos imposta pela escola, dentre outras.

Para a representação social esse fator é explicitado por Moscovici (2003) como uma função justificadora das tomadas de posição e dos comportamentos por parte dos sujeitos. Esses fatores estão ligados paradoxalmente à realidade dessas mulheres, cada uma com seu dilema particular e



individual, quando exposto transforma-se em mais um número estatístico, deixando de ser uma mulher e se tornando um ponto de um valor percentual.

Fica evidente a força da representação do sexo frágil vestida por estas, em contrapartida a força no princípio da resiliência gerada por estas senhoras em seus discursos, deixando subentendido que aquele momento educacional tinha ficado em segundo plano. Mais uma vez a função justificadora citada por Moscovici (2003) é evidenciada nos relatos de Miriam e Betânia, elas distorcem os acontecimentos, justificando a ausência ao espaço escolar, por conseguinte de uma gravidez inesperada, mas também pelo ideal de libertação dos espaços familiares restritivos. Questionadas sobre o período no qual estiveram longe da escola, as alunas expressaram seus históricos.

Fui cuidar de casa e de filhos... trabalhei muitos anos sem ter condições de voltar a estudar... (sic) (BETÂNIA).

Comecei a trabalhar como babá com 13 anos... eu ficava com inveja quando as meninas da minha idade passava para ir a escola e eu lá tomando conta dos filhos dos outros. (sic) (RUTE).

Me angustiava era ver as crianças indo para a escola enquanto eu trabalhava, minha escola era a vida meu lápis uma enxada, meu caderno o chão... (sic) (ESTER).

A multiplicidade na função justificadora é evidenciada nos relatos dessas mulheres que deixaram o sistema educacional porque precisaram ajudar os pais, os maridos, nas atividades econômicas, algumas assumiram o papel de chefes de família, outras por falta de orientação e cuidados acabaram provocando uma gravidez indesejada. Essas mulheres sofreram com a discriminação educacional e isso foi bastante doloroso para elas.

Mantoan (2003) cita que a inclusão não admite qualquer tipo de discriminação, por isso a EJA vem com a dialética de integração destas com o universo escolar e também tentando reparar o tempo longe da escola. A EJA inclui seus frequentadores através da melhoria de sua estima, expressando a importância dos sujeitos enquadrados a essa modalidade, oferecendo-lhe significados, e inserindo estes aos espaços sociais. Elevando a importância de estarem estudando, depois de tanto tempo e tantos obstáculos, essas mulheres guerreiras descreveram:

Hoje eu aconselho as outras pessoas a estudar e não desistir apesar das dificuldades (sic) (REBECA).

Eu sou uma vitoriosa uma guerreira com muita força de vontade e garra de estudar. (sic) (RUTE).

Hoje eu posso sonhar, só quem estuda pode sonhar e sonhar com o melhor. (sic) (MADALENA).





Nas narrativas sobre o retorno à sala de aula, é explicitado que a EJA transformou o meio onde estão inseridas, resgatando suas vicissitudes através da inclusão a qual a EJA proporcionou para essas senhoras alunas. Esse processo significador da inclusão através da EJA ficou evidente quando essas mulheres enfatizaram não estarem estudando somente para ter um certificado, e o ambiente educacional estimulou mudanças psicossociais.

Essas mulheres resgataram sua confiança, seu orgulho próprio, desenvolveram seu processo de criticidade e autonomia, estão trilhando seu próprio caminho na construção do conhecimento não só educacional, mas o conhecimento de si mesmas. Segundo Abric (1998), as representações sociais não são simples reflexos da realidade, são organizações de significados que funcionam como um sistema de interpretação da realidade regente das relações dos indivíduos com o seu meio físico e social.

De acordo com Freire (2006), mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper. Essas mulheres demonstram um interesse em ter uma identidade profissional, algo que as norteie e possa proporcionar e oportunizar uma melhoria em seu mundo social e familiar a partir da inclusão promovida pela EJA.

Vou fazer um curso profissionalizante. Tenho um sonho de fazer auxiliar de enfermagem, pois gosto muito de ajudar as pessoas. (sic) (SARA).

Já vejo meu sonho presti a se realizar [...] sonho poder fazer uma faculdade, afinal também mereço. (sic) (DALILA).

Pretendo fazer o curso de serviço social e vou fazê-lo... (sic) (MIRIAM).

Vou botar meu próprio negocio, vou ser uma empresaria, hoje vejo que posso tudo graças a Deus e a meus estudos... (sic) (ESTER.)

As falas dessas mulheres guerreiras transcendem a multiplicidades de seus sonhos sob forma material, eles tornam-se possíveis e através destes mesmos sonhos revigoram suas esperanças em um futuro. Seus sonhos, seus desejos, são consequências de uma luta diária para serem incluídas e reconhecidas como elas realmente são, e não pelo o que a sociedade impõe. Que seus escritos sirvam de exemplos para tantas outras mulheres ainda vivendo à sombra do silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar com minúcia os escritos das mulheres do Catolé de Zé Ferreira e sobre o que desenvolveram durante o período em que estiveram fora da escola, ficaram representadas entre

linhas, inúmeras tentativas de retorno ao meio educativo, interligadas com as dificuldades entrementes do dia a dia dessas alunas, mas muitas delas escolheram fazer essa fissão para suprir as necessidades daquela época, daquele momento que estavam vivendo.

Ficou evidenciada a melhoria na estima dessas mulheres, após o retorno à instituição de ensino, decorrente de um resgate social promovido pela educação escolar como ferramenta de inclusão, indagando a importância do desenvolvimento intelectual e psicossocial dessas mulheres.

Não só pelo simples fato de estarem estudando novamente, e sim, por inúmeros fatores multissociais, como: melhoria na qualificação profissional, o aumento elevado do número de pessoas em seu grupo de convívio social, a simbiose de conhecimentos entre seu espaço social e a escola, os trabalhos motivacionais desenvolvidos pelos educadores do segmento EJA para facilitar essa inclusão, ou seja, essas senhoras reconheceram-se e escolheram esse grupo como pertencente, e que o mesmo as representavam socialmente.

São denotados os reais motivos pelos quais essas mulheres tiveram de pausar sua caminhada educacional, priorizando outros fatores, oportunizando outros sonhos, redimensionando outros objetivos, mas quando desenvolveram o princípio de criticidade através da integração com a EJA conseguiram libertar-se dos grilhões e se auto afirmarem com seus sonhos e ideais de futuros visivelmente representados neste artigo como forma de inclusão. O retorno a essa dialética educacional (EJA) e sua proposta de inclusão resgatam todos esses sentimentos de alegria e satisfação, exterminando os medos e a vergonha por não terem um grau de instrução construído dentro de um tempo formal. Estas se representam no simples fato de voltarem a estudar, despertando o hábito de sonhar, descobrindo que nunca é tarde para recomeçar.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais**. Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Goiânia – GO: AB, 1998.

ARAÚJO, Cleberson Vieira de. **Educação de Jovens e Adultos e a problemática da evasão escolar**. VI Seminário Nacional de Educação e Movimentos Sociais – Centro de Educação/PPGE/UFPB, 2011.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva com os Pingos no “is”**. Porto Alegre, Mediação, 2004.

DOTTI, C. **Fracasso escolar e as classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir. **A escola cidadã**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Elza Maria Ribeiro de. **Concepção dos professores no processo de ensino e aprendizagem**. Campina Grande – P B, 2010.

MAIA, H. T. L. **Química na concepção dos alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas do município de Queimadas – PB**. 2006. Monografia (Licenciatura em Química) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** - São Paulo: Moderna, 2003

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**, 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUZA, João Francisco de. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no Mundo**. Recife: UFPE – CE NUPEP –PE, 2000.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.